

## **IMORTAIS DA ACADEMIA**

### **EPISÓDIO 23 – O ROMANCE É A HISTÓRIA SECRETA DAS NAÇÕES**

**01:00:17:21**

ABERTURA

**01:00:22:11**

OFF

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,  
Arte e ciência, pensamento e memória,  
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.  
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.  
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,  
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:03:08**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:16:18**

**Antônio Torres – Atual ocupante da cadeira 23**

Eu venho de um mundo rural, de uma realidade agrária e agrafa, nasci em uma casa sem livros e um dia eu fui parar numa escola e quando cheguei lá minha mãe já tinha me treinado nas primeiras letras, já foi um encantamento quando ela me mostrou as letras, disse os nomes das letras e eu vi que as letras eram como as pessoas, as coisas, tinham uma forma própria, uma identidade e nome.

**01:01:49:08**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 23: O Romance é a história secreta das nações**

**01:01:56:23**

**Antônio Torres – Atual ocupante da cadeira 23**

No meu tempo não havia literatura para crianças, você entrava na escola e ia ler Castro Alves. A primeira leitura em voz alta nessa escola rural era um texto de José de Alencar: “Verdes mares bravios de minha terra natal”, você não imagina o efeito de uma leitura dessa para aquele menino que vivia num lugar que nem rio havia, quanto mais verdes mares. Isso pra mim foi uma maravilha, o escritor que eu ia me tornar mais adiante vem disso, dessa memória, ou desse aprendizado. No ginásio já em uma cidade maior eu comecei a rabiscar os primeiros poemas, e o professor de português vira pra mim e diz: “Olha, seu negocio não é poesia. Tente a prosa”, aquilo me incomodou um pouco porque eu achava que tinha tudo na vida pra ser um Castro Alves né.

**01:03:04:06**

OFF

“Dinheiro, dinheiro, dinheiro. Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo. Aqui vivi e morri um pouco todos os dias. No meio da fumaça, no meio do dinheiro. Não sei se fico ou se volto. Não sei se estou em São Paulo ou no Junco”.

*Essa terra*

*Antônio Torres*

**01:03:26:14**

**Lourival Holanda – Membro da Academia Pernambucana de Letras**

Antônio Torres foi um autor nordestino e que não pauta mais pelo tradicional, aquele olhar de comisseração em relação ao nordeste, não. Há uma distancia critica no demonstrativo, essa terra, não é a minha terra, não é aquele ufanismo do romance de trinta, não, pelo contrário, ele tem um olhar muito agudo e muito cruel sobre a realidade social do sertão, e não só de denuncia. A denuncia tem um sentido muito grande com o romance de trinta, o compromisso era absolutamente politico, agora não, a politica da literatura é propor pela linguagem uma outra visão de mundo.

**01:04:04:03**

**OFF**

O baiano Antônio Torres deu lugar, em sua vida e obra, aos conflitos de quem migra do interior para a cidade grande. Antes dele, um conterrâneo ocupou a cadeira 23 e transbordou nos escritos, o amor pela terra natal: Ninguém menos que o eterno Jorge Amado.

**01:04:27:08**

**Marisa Mello – Doutora em História**

Jorge Amado foi o escritor brasileiro mais vendido durante cinquenta anos. No final da década de oitenta, ele chegou a uma soma de mais ou menos trinta milhões de exemplares vendidos, que é muito expressivo, muito fora da curva. Ele foi o primeiro escritor brasileiro a viver de direitos autorais, todo mundo fala de Gabriela, que realmente tem uma trajetória muito meteórica, mas o Jorge ele vendeu bem desde o seu primeiro livro. Ele conseguiu estabelecer essa conexão com o público.

Existe uma pesquisa da Marcia Rios sobre as cartas que o Jorge Amado recebeu, mas ela vai mostrar, por exemplo, as mulheres, como as mulheres escreviam pra ele contando como elas se identificavam com as personagens dele, como elas se sentiam fortalecidas, protagonistas. Essas mulheres se identificam com os destinos que elas não tiveram. O Jorge ele bebe nas raízes populares, então ele vai falar de circo, ele vai usar o melodrama, os temas que ele traz do amor são temas que são, temas populares. Então, o Jorge ele vai beber em fontes populares, vai ter uma literatura que é muito fluída que você pode ver assim que muitas pessoas se iniciaram na literatura, ou seja, se tornaram leitores assíduos lendo Jorge Amado.

Jorge Amado

Posse em 1961

**01:05:54:13**

**Edvaldo Bergamo – Doutor em Literatura Comparada**

Jorge Amado é o primeiro autor brasileiro de dimensão internacional. Um autor cuja a configuração estética ideológica se dá no contexto da década de 30, a chamada geração de trinta. Essa literatura do Jorge Amado, bem como o Graciliano Ramos, o José Lins do Rêgo, uma Raquel de Queiroz teve um papel significativo na constituição do que chamamos de literatura neorrealista portuguesa. O movimento neorrealista no fundo foi um movimento de intelectuais antifascistas, contra o fascismo, contra as

ditaduras, no o estado novo do Brasil com Getúlio Vargas e estado novo em Portugal com Oliveira Salazar, ou seja, estabeleceu-se um campo intelectual solidário entre os brasileiros de 30 e os neorrealistas portugueses, até porque esse campo intelectual solidário só era possível em relação a ideologia política, a literatura do Jorge Amado ela tem profunda ligação com os desdobramentos da revolução russa de 1917, e isso depois se amplia num contexto de luta contra o colonialismo na África e a literatura, de novo, a literatura do Jorge Amado também tem um papel significativo nesse processo de valorização da cultura africana relacionado com a auto estima mesmo do negro, da historia do negro, um dos aspectos centrais da literatura do Jorge Amado é questão do negro na formação do Brasil. Isso dá uma especificidade para o romance do Jorge Amado que gera interesse internacional, imagina os africanos lendo esses romances, por exemplo o caso de Jubiabá do Jorge Amado que fala de um herói negro, de alguém que tem uma historia de luta e essa luta tem um caráter épico. Nesse romance de Jorge Amado de 35, a trajetória do negro é uma trajetória épica como qualquer outro herói teria.

**01:08:15:24**

**OFF**

“O Largo da Sé pegara uma enchente naquela noite. Os homens se apertavam nos bancos, suados, os olhos puxados para o tablado onde o negro Antônio Balduino lutava com Ergin, o alemão. A sombra da igreja centenária se estendia sobre os homens. Raras lâmpadas iluminavam o tablado. Soldados, estivadores, estudantes, operários, homens que vestiam apenas camisa e calça, seguiam ansiosos a luta. Pretos, brancos e mulatos torciam todos pelo negro Antônio Balduino, que já derrubara o adversário duas vezes. Daquela última vez parecera que o branco não se levantaria mais.”

*Jubiabá*

*Jorge Amado*

**01:09:04:05**

**Maria Alice Rezende de Carvalho – Doutora em Sociologia**

O Jorge Amado é uma figura que tem muitas faces, o que é interessante é que ele nunca se preocupou em escrever uma memoria de si, uma autobiografia. A Zélia Gattai é uma das construtoras de Jorge Amado, não é? Quer dizer, a importância dele é ter inclusive construído um perfil do Jorge Amado, eu diria que a importância da Zélia Gattai não é pequena, ela é uma memorialista que se consagrou falando do grupo a que ela originalmente pertencia que eram os anarquistas residentes em São Paulo, ela fala de memorias de pessoas que ela conheceu, ela narra eventos, episódios, ela enxerta essas memorias com fotografias ela foi uma boa fotografa, então a fotografia também cumpre um papel na produção literária da Zélia porque ela não é apenas um documento que ilustra a literatura que ela tá produzindo, a fotografia também é parte da construção argumentativa, reflexiva da autora diante de alguns episódios. Ela é um personagem urbano, um personagem muito interessante, parte de uma família muito anarquista que veio para o Brasil para integrar a famosa Colônia Cecília, depois em São Paulo eles mantiveram esse grupo, o pai dela inclusive foi homenageado pelo partido comunista, ele era um homem de grande prestígio nesse núcleo de trabalhadores operários de São Paulo, e a Zélia tinha, portanto uma estirpe, um background político que de alguma forma a prestigiava nos meios intelectuais porque ai tem uma coisa interessante, quer dizer o momento de aparecimento da Zélia Gattai no cenário dos anos 30, 40, em São Paulo foi um momento em que a política era decisiva, a política mandava, e política era o território onde Zélia se movia. Quanto a dissociar a imagem da Zélia Gattai do Jorge Amado, eu diria que é difícil, mas também é difícil dissociar a imagem de Jorge Amado da de Zélia

Gattai. Eu acho que os dois vivem um momento compartilhado que é de autoria, autoria conjunta.

Zélia Gattai  
Posse em 2002

**01:11:38:11**

**OFF**

“Na casa da Alameda Santos número 8 não havia uma única chave. Nunca tivemos medo, nem mesmo pensamos, que um ladrão poderia invadir nossa casa durante a noite. Não possuíamos nada de valor e os gatunos sabiam muito bem escolher suas vítimas. Os ladrões de antigamente eram inteligentes e conscienciosos, deixavam os pobres em paz. Dormíamos tranquilos.”

*Anarquistas, graças a Deus*  
Zélia Gattai

**01:12:11:14 – VINHETA**

**Estamos apresentando Imortais da Academia**

**01:12:29:13 – VINHETA**

**Voltamos apresentar Imortais da Academia**

**01:11:37:19**

**OFF**

De todas as cadeiras da ABL, a 23 talvez seja das mais estrelada. Ela suportou o peso, ao longo da história, de alguns dos maiores gigantes da nossa literatura. Já de início recebeu Machado de Assis, que escolheu como patrono José de Alencar, o “Patriarca da Literatura Brasileira”.

**01:13:02:19**

**Roberto Acízelo de Souza – Doutor em Teoria da Literatura**

O Alencar que foi um escritor tão destacado, tão lido no século XIX, no XX, certamente depois do modernismo né, digamos a estética dele perdeu muito é um registro muito diferente desse que a gente tem mais próximo de nós, mas se a gente tivesse o mínimo de enquadramento mais justo, mais abalizado também né, e fazer uma reconstituição do período que ele viveu aí a gente vai ver que é uma figura que cresce muito e ele escreveu segundo um código que não é o nosso, e causa muita rejeição, muito pouco caso de muita gente, mas se você nesse código você vai ver que o modo com que ele se movimenta é muito interessante, muito forte e eu acho que é uma figura também assim das mais veneráveis das letras do Brasil.

José de Alencar  
Patrono da Cadeira 23

**01:13:58:22**

**OFF**

“A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando para verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres

desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite”

*O Guarani*

*José de Alencar*

**01:14:36:10**

**Roberto Acízelo de Souza – Doutor em Teoria da Literatura**

No século XIX, o ancestral da telenovela era o romance de folhetim, não tinha rádio, não tinha revisão muito menos, então as pessoas compravam jornal e em cada número do jornal vinha no chamado rodapé, aquela parte inferior da folha, um texto de ficção e muita gente comprava o jornal por causa daquilo e o Alencar foi um escritor que já nos anos 50, 1850, ele publica um dos livros que foram assim, marcantes da trajetória dele como escritor por esse caminho do folhetim, que foi “O Guarani”. Então, ele publica “O Guarani” em um jornal do Rio de Janeiro, capital do Brasil então, e esse romance que foi assim sendo publicado aos pedaços, depois era muito comum reunir em um livro, foi acompanhado pelo publico de então, e se fosse hoje seria assim, uma daquelas novelas que estoura. E há relatos da época que mostram isso, que na década de 1850 quando “O Guarani” saia seriado, o jornal do Rio pra chegar em São Paulo não era assim, chegava né, mas não era assim. As pessoas saiam, terminada a jornada de trabalho das pessoas na cidade, as pessoas compravam o jornal que era disputado o Jornal do Rio, que chegava lá, e antes de chegarem em casa se reuniam debaixo dos lampiões, daquele precária iluminação das cidades do século XIX, para uma pessoa ler em voz alta e todo mundo ficar ali escutando o desenrolar das aventuras. O camarada era um sucesso de publico no tempo dele.

**01:16:12:11**

**OFF**

Dentre os 40 fundadores da ABL, apenas um logrou marcar, com seu nome, a academia inteira. Se ela é hoje conhecida como a casa de Machado de Assis, não é apenas graças à militância do escritor pela sua criação. Mas, sim, justo reconhecimento da grandiosidade do legado do “Bruxo do Cosme Velho” à literatura brasileira.

**01:16:39:21**

**Anco Márcio T. Vieira – Professor do Programa de Pós –Graduação da UFPE**

A grande questão que Machado abordou foi o humano, e o humano sempre é uma questão atual, com suas contradições, com seus momentos de alegria, suas tristezas, suas baixezas, suas grandezas. Os personagens de Machado tem isso, outra coisa que Machado de Assis talvez faça dele muito nosso contemporâneo é que em Machado as mulheres são as personagens mais importantes dos seus romances. Na obra de Machado de Assis sempre as mulheres são muito mais inteligentes do que os homens e para os que lhe acusam de machismo, eu lembraria que quando ele traduz “Romeu e Julieta” ele intitula não “Romeu e Julieta”, mas “Julieta e Romeu”.

Machado de Assis

Fundador da Cadeira 23

**01:17:19:04**

**Augusto Massi – Doutor em Literatura Brasileira**

Você pega o Flaubert, Madame Bovary, o personagem da Madame Bovary, a traição, a vontade de ter um amante, o desejo de ascender socialmente, tudo o que tá presente naquela mulher de província que sonha com o país, ela vai pagar um preço e ela vai morrer no final. Você pega Ana Karenina do Tolstói,

ela também mulher, tem um caso, se apaixonou, largou a família, deixou os filhos e no final ela se suicidou, se jogou. Uma sabedoria do Machado, por exemplo, ele não matou a sua personagem, ele deixou em aberto, a Capitula continua viva, o Dom Casmurro narra, fala mal dela, supostamente a questão da traição tá lá, mas ela foi com o filho que cresceu, e foi pra outro lugar, houve um acordo. Pouca gente fala disso.

**01:18:14:11**

**OFF**

“Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padei a morte de D. Plácida, nem a semidemência de Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.”

*Memórias póstumas de Brás Cubas*

*Machado de Assis*

**01:19:19:04**

**Augusto Massi – Doutor em Literatura Brasileira**

Machado tinha muita agudeza e ele foi uma pessoa que escreveu a vida inteira pra jornal, crônica. E a crônica dele na época não era crônica livre como nós conhecemos hoje o cronista pode escrever sobre qualquer coisa. A crônica no século XIX ela era tirada de tudo que saía ao longo da semana no jornal, então as pessoas que tinham lido o jornal, cobravam que o cronista fosse fazer uma síntese bem humorada, disfarçada, comentar aqueles fatos, o crime da semana, um adultério, ele tinha que arrumar um jeito de comentar aquilo. Então, acho que o Machado ele, vamos dizer, criou um estilo que saía um certo Drummond dali, saía um certo Otto Lara Resende dali, quer dizer, todos os mineiros, Ciro dos Anjos, Murilo Rubião, existe uma cultura brasileira forte vindo de Minas que o corte é o corte do Machado de Assis, que é o que é um humor finíssimo, uma reflexão quase filosófica, mas é literatura. Ele se mantém nessa linha, então, você lê o Machado você nunca dá gargalhada porque o Machado é o mestre da ironia, então você ri meio de lado.

**01:20:42:06**

**Anne-Marie Métaillé – Editora e tradutora francesa**

Fui estudar português e o professor nos deu para ler e para estudar português só Machado de Assis. Na época eu tinha 20 anos, descobri um texto formidável, mas me dei conta que o meu querido Machado de Assis não existia para os leitores franceses e eu achei isso totalmente injusto. Então, li as traduções que existiam, que foram feitas em 1937 e descobri que eram traduções fieis, mas faltava uma coisa essencial que era a ironia do Machado de Assis e decidi fazer publicações de Machado de Assis que seja digno do texto original. Sigo traduzindo e publicando Machado de Assis, eu fiz várias edições, eu fiz dos 30 anos de trabalho que eu fiz, e vejo que Machado de Assis é conhecido no mercado francês agora.

**01:21:58:02**

**Augusto Massi – Doutor em Literatura Brasileira**

O José de Alencar é o romancista que escreve, vamos dizer, um painel, “O Gaúcho”, “As Minas de Prata”, “Os Sertões” é o grande romance, o Machado não tem nada disso, o Machado escreveu aparentemente sobre a corte do Rio de Janeiro, então é um certo tipo de cenário, um certo personagem, então aparentemente ele não era visto como quem escrevia sobre os pobres, ele escreveu sobre os ricos, mas curiosamente essa mudança que o Machado fez nos seus romances que não é tão forte nos contos, ela é responsável pelo primeiro grande diagnóstico crítico, político, ideológico das elites brasileiras. Traços da nossa elite, dos nossos problemas hoje ainda estão ligados aquela leitura que o Machado nos revelou.

**01:22:44:29**

**Anco Márcio T. Vieira – Professor do Programa de Pós – Graduação da UFPE**

O Machado trabalha muito com elite, basicamente uma elite burguesa, ou então uma certa aristocracia que se aburguesou, que vive de renda, uma certa elite que tem vergonha de trabalhar, que tinha orgulho de dizer que vive de renda, que não utiliza as mãos. São pessoas que tem um estilo de vida burguesa, elas trazem da Europa esse estilo de vida, as suas casas, os móveis, mas a maneira de perceber o mundo essa valorização do trabalho e etc., aí sim, nesse ponto eles são o Brasil velho lá da Colônia do século XVI, XVII, XVIII. A primeira coisa que a gente encontra em Machado é essa contradição, como Brasil não fez a revolução burguesa, os nossos burgueses são burgueses por subtração. E aí você vai gerar todos os problemas, os demais problemas do país. Tá lá em Machado de Assis.

**01:23:42:26**

**Antônio Torres – Atual ocupante da Cadeira 23**

É fantástico, você começa a reler o século XIX, como é forte, você lê Balzac ouvindo a voz dele: “É preciso desfolhar toda a vida social para ser um verdadeiro romancista, porque o romance é a história secreta das nações”. Eles fizeram, eles fizeram essa história secreta, no século do grande romance, que foi o século XIX, o Brasil estava dentro dele, dentro dele com força e graças a quem? Joaquim Maria Machado de Assis.

**01:24:25:09**

**Antônio Torres – Posse em 2014**

“Folha de terra ou papel, tudo é viver, escrever”, muito obrigado.

**01:24:41:29 - VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 23:

Patrono – José de Alencar

Fundador – Machado de Assis

Lafayette Rodrigues Pereira

Alfredo Pujol

Octavio Mangabeira

Jorge Amado

Zélia Gattai

Luiz Paulo Horta

Atual – Antônio Torres